

Problemas e Questões na Retroversão do Texto Desportivo

David Manuel Caetano Mira

**Relatório de Estágio de Mestrado em Tradução
Área de Especialização em Inglês**

Março de 2014

PROBLEMAS E QUESTÕES NA RETROVERSÃO DO TEXTO DESPORTIVO

DAVID MANUEL CAETANO MIRA

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, retroversão, L1, L2, desporto, texto desportivo, revisão

A discussão em torno da direcionalidade em Estudos de Tradução tende a focar-se na tradução para a língua materna. De facto, uma das “regras de ouro” das organizações internacionais e associações de tradutores profissionais diz-nos que a tradução deve ser sempre realizada por um tradutor cuja língua materna seja a língua de chegada. No entanto, a retroversão é, em certos casos, inevitável e continua a ser praticada em todo o mundo. A tradução do texto desportivo, por outro lado, é um tema pouco abordado do ponto de vista teórico e merece mais atenção. O projecto principal do estágio relatado neste trabalho é um excelente exemplo das dificuldades de tradução específicas causadas quer pela tradução do português para o inglês, quer pela tradução de um texto dedicado ao desporto, as quais podem ser observadas através de exemplos numa abordagem prática.

PROBLEMS AND ISSUES IN THE RETROVERSION OF A SPORTS TEXT

DAVID MANUEL CAETANO MIRA

ABSTRACT

KEY-WORDS: Translation, retroversion, L1, L2, sport, sports text, revision

Discussion around directionality in Translation Studies tends to focus on translation into the mother tongue. In fact, one of the 'golden rules' followed by international organizations and professional translators associations tells us that translation should always be done by a translator whose native language is the target language. However, retroversion, or translation into L2, is inevitable in some cases, and its practice continues all around the world. The translation of sports texts, on the other hand, is an understudied topic at a theoretical level and deserves more attention. The main project of the internship described in this report is an excellent example of the specific translation problems caused by both the translation from Portuguese into English and the translation of a text devoted to sports, which can be observed through examples as part of a practical approach.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Caracterização da empresa	1
Metodologia	2
Início do estágio e escolha do tema	2
O projecto	4
1 – O TEXTO DESPORTIVO	7
1.1 – Desporto e tradução	7
1.2 – Caracterização geral do texto desportivo	7
1.3 – O tom	10
1.4 – O estilo	11
2 – A RETROVERSÃO	14
2.1 – O que é a retroversão?	14
2.2 – Desvantagens	15
2.3 – Vantagens	17
2.4 – Revisão por um nativo	18
3 – ESTUDO DE CASO – O PROJECTO	20
3.1 – Questões terminológicas	20
3.2 – Questões estilísticas	24
3.3 – Questões gramaticais	25
CONCLUSÕES	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

Caracterização da empresa

A KennisTranslations SA teve como ponto de partida a empresa 100 Folhas – Produções Culturais e Consultoria Lda., fundada no ano de 2000 pelas irmãs Ana Yokochi e Luísa Yokochi. Após uma década de prestação de serviços na área da tradução, esta empresa aderiu à filosofia do grupo KennisGuild, tendo sido a primeira empresa de tradução integrada no mesmo. Esta integração, em 2009, implicou um *rebranding* da empresa para KennisTranslations, um aumento de capital, a integração de novos accionistas e a transformação da empresa em sociedade anónima.

O grupo KennisGuild, com origem na Holanda, possui uma filosofia forte que aplica em todos os seus ramos/empresas. A palavra *Kennis* é de origem holandesa e significa *conhecimento*. O conceito-chave da filosofia deste grupo é a especialização na oferta de cada serviço. Isto é, cada serviço prestado é único e deve ser executado por profissionais perfeitamente adaptados às características requeridas. A integração de profissionais com conhecimento especializado em várias áreas é, portanto, uma prioridade. Aplicando esta especialização a cada serviço prestado, atinge-se um resultado final mais adequado, o que leva a uma maior satisfação dos clientes.

Mas não só, este grupo – e por conseguinte a KennisTranslations – possui um conjunto de valores que utiliza como base para a sua metodologia de trabalho. São eles os seguintes: Cooperação, Comunicação, Lealdade, Transparência, Trabalho em Equipa, Excelência, Equilíbrio, Responsabilidade e Crescimento Pessoal. Destaque-se em particular a comunicação, em associação com outro dos pilares da metodologia da empresa, que é a adaptação à globalização. Como tal, a comunicação constante é tida como essencial. Não só a comunicação com os clientes, colaborando com os mesmos na procura do resultado o mais adequado possível às suas necessidades, mas também entre os membros da equipa – gestores de projecto, tradutores e revisores. O contacto permanente entre a equipa permite maior coordenação para um resultado final competente e satisfatório para todas as partes.

Metodologia

Os serviços prestados pela KennisTranslations estão todos eles ligados à área da tradução – tradução, revisão, legendagem, edição, localização, terminologia e interpretação e organização de eventos.

Quanto aos clientes, abrangem um vasto leque de áreas, sendo que há um grande volume de trabalho da esfera das artes; mas as áreas técnicas e científicas, e até do desporto, alvo de estudo neste relatório, estão também representadas.

No que diz respeito aos idiomas com maior peso, são eles o português, o inglês (UK/US), o francês, o espanhol, o neerlandês, o japonês, o alemão e o italiano, com especial destaque para uma grande percentagem de tradução de português para inglês.

A grande maioria do trabalho é feita à distância. Este método de trabalho é potenciado pelos já referidos canais de comunicação por via electrónica, mas não só.

Perfeitamente adaptada à era das telecomunicações, a KennisTranslations SA possui um sistema de Intranet que permite aos colaboradores visualizar e gerir cada projecto passo a passo. Este sistema contribui para um método de trabalho mais eficiente, começando pelo acesso fácil e rápido aos documentos a traduzir e respectivos detalhes e instruções e terminando na visualização, a qualquer momento, de todos os projectos activos, quais já foram entregues e quais já foram pagos.

A KennisTranslations SA oferece assim um ambiente de total liberdade e independência aos seus tradutores, num contexto informal e descontraído, mas nunca descurando o profissionalismo. Além desta independência nas tarefas de tradução e outros serviços, os colaboradores são também encorajados a tomar a iniciativa na angariação de clientes, completando a autonomia dos *partners* que se insere na filosofia do grupo Kennis.

Início do estágio e escolha do tema

O estágio, com a duração de 400 horas, iniciou-se em Setembro de 2013 e terminou em Março de 2014. As actividades desenvolvidas durante o mesmo

resumiram-se unicamente à tradução, embora tivessem englobado áreas diversas (pintura, conteúdo para Web, desporto) e incidido sobre três diferentes pares de línguas (PT-EN, EN-PT, ES-PT).

Embora o início do estágio tenha tido lugar em Setembro, a decisão de realizar o mesmo na KennisTranslation e a respectiva aceitação ocorreram ainda em Julho de 2013. A primeira reunião com os *partners*, na morada da Kennis em Oeiras, deu-se no dia 30 de Julho desse ano. Nessa reunião, foi dado a conhecer o método de trabalho da empresa, acima descrito, os detalhes básicos do estágio, indicado o orientador dos vários estagiários na empresa e ainda sugeridos alguns possíveis temas para os relatórios de estágio. Ficou também nessa altura acordado o início do estágio para Setembro de 2013.

Um dos temas propostos nessa reunião foi um estudo dos problemas e erros mais frequentes na tradução da língua materna (L1) para uma língua estrangeira (L2), à qual me refiro neste relatório pelo seu nome mais usual, retroversão. Esta sugestão partiu do facto de a empresa ter habitualmente um grande volume de trabalho de tradução de português para inglês e ser previsível que tal sucedesse em quantidade suficiente para justificar que fosse esse o tema principal do presente relatório, e ainda o facto de todas as retroversões serem sempre revistas por um falante nativo de língua inglesa. Assim, assumi logo à partida o interesse em trabalhar tal assunto.

Mais tarde, surgiu a oportunidade de colaborar num projecto de grande dimensão, que ocupou grande parte do estágio e que tinha precisamente esse par de línguas: PT-EN. Dada a dimensão do projecto, e após discutir o assunto com os orientadores, decidi que poderia constituir a base deste relatório de estágio e aceitei traduzir os documentos. Além de ser um trabalho exclusivamente de PT-EN, o referido projecto tinha a particularidade de versar um tema chamativo e pouco tratado nos estudos de tradução – o desporto.

Juntando este dado à escolha inicial, cheguei ao tema que figura no título do relatório: “problemas e questões na retroversão do texto desportivo”. Sendo assim, este trabalho abordará, do ponto de vista teórico, a problemática da retroversão, as suas vantagens e desvantagens, e também as especificidades do texto desportivo

(entenda-se, qualquer texto cujo tema principal seja o desporto); e, do ponto de vista prático, debruçar-se-á sobre os problemas que ambos levantam ao tradutor, utilizando o projecto de que fiz parte como um estudo de caso.

Infelizmente, além do habitual acordo de confidencialidade estabelecido pela empresa, o cliente pediu confidencialidade absoluta em relação a este projecto e por tal motivo o estudo fica limitado em termos de informação divulgada. Não é possível fornecer qualquer detalhe em relação ao cliente ou ao projecto em geral, nem utilizar como exemplo qualquer frase da qual seja possível deduzir informação confidencial. Assim, os exemplos resumir-se-ão a frases que, mesmo englobando a linguagem comum aos textos desportivos, não comprometam a confidencialidade pedida pelo cliente. Embora saia comprometido, o estudo de caso não deixa de ser pertinente e exequível, apesar das limitações.

O projecto

Apesar de não poder ser divulgada qualquer informação específica, é necessário referir que este foi um projecto que englobou vários desportos, mas com destaque para o futebol em termos de terminologia. Os textos a traduzir eram todos eles de carácter informativo, mas alguns tinham, em certa medida, uma componente propagandística, que contribuiu para amplificar a já de si elevada adjectivação.

Em relação ao início, duração e fim do projecto, tomei conhecimento da sua existência e aceitei fazer parte do mesmo numa reunião com o meu orientador em meados de Setembro de 2013. Pouco depois, no dia 17 de Setembro, recebi o primeiro documento que viria a traduzir. Acontece que o projecto era relativamente urgente e todos os prazos eram curtos. Logo, apesar da extensão considerável, os últimos documentos que traduzi foram entregues no dia 18 de Outubro. Assim, a minha participação neste projecto teve uma duração de aproximadamente um mês.

Em relação à dimensão do projecto, foram 23 os documentos que traduzi, todos eles em formato de Word (.doc ou .docx), sendo que alguns eram extremamente curtos, com apenas duas centenas de palavras, enquanto outros se prolongavam por

vários milhares. Ao todo, as palavras traduzidas foram cerca de 28 000, divididas pelos 29 dias. Estes documentos não representam, contudo, a totalidade do projecto, o qual estava a cargo do meu orientador, João Cardoso Vilhena. Como já referi, os prazos eram apertados, o que, aliado à grande dimensão do projecto, exigiu que os documentos fossem divididos por mais do que um tradutor. Assim, a minha participação no projecto ficou limitada por questões de tempo e de dimensão.

Por fim, em relação à metodologia, os documentos foram todos traduzidos à distância, com a coordenação de João Cardoso Vilhena. A ferramenta de tradução utilizada nos primeiros documentos (cerca de 12 000 palavras até 6 de Outubro) foi o SDL Trados 2011. Os restantes foram traduzidos apenas no Microsoft Word em paralelo com o texto de partida.

O contacto com o meu orientador durante este longo e difícil projecto foi constante e extremamente útil. Além do *feedback*, a disponibilidade para responder a todas as dúvidas e as frequentes indicações para ajudar na retroversão foram um auxílio precioso para manter o rigor e qualidade esperados.

Houve também, por parte do orientador, o fornecimento de documentos de referência que serviram, acima de tudo, para assegurar a coerência a nível terminológico, o que é uma das maiores preocupações a ter em conta quando um projecto é dividido por vários tradutores.

A questão mais importante a salientar na metodologia, contudo, é a revisão. Além da minha própria revisão e da revisão do meu orientador, os textos eram ainda sempre revistos por outro tradutor, cuja língua materna é o inglês. Só depois de ambas recebia de volta as minhas traduções, corrigidas e anotadas. É apenas mais um sinal claro do elevado grau de exigência e profissionalismo da empresa. A revisão por um nativo foi já tema abordado por outro ex-estagiário da KennisTranslations SA e mestrando da FCSH, Tiago António Casaca de Rocha Vaz, cujo relatório foi também uma ajuda preciosa na elaboração do meu.

Seguir-se-á uma reflexão teórica sobre as características que o texto desportivo apresenta, o seu tom e estilo, e ainda sobre o próprio tema do desporto no âmbito da tradução. Este será o conteúdo do primeiro capítulo do presente relatório.

O segundo capítulo abordará a questão da retroversão, as suas vantagens e desvantagens, por que motivo se considera, no mundo da tradução, que não é ideal, ou até que não deve ser feita, e como garantir que o resultado final possa ter o mesmo grau de qualidade que uma tradução feita para a língua materna do tradutor.

Por fim, o terceiro e último capítulo será o mais extenso e aquele em que me ocuparei do estudo de caso em que pude verificar e avaliar, na prática, todos esses princípios teóricos, através do projecto principal do meu estágio na KennisTranslations SA.

1 – O TEXTO DESPORTIVO

1.1 – Desporto e tradução

Ao longo dos tempos, o desporto foi evoluindo de um mero exercício físico com uma componente competitiva para um fenómeno de massas à escala global, mais facilmente identificável naquele que é chamado o “desporto rei”, o futebol. Tal popularidade atrai naturalmente um grande público. E, como tal, há um interesse desse público em ler para informar-se sobre o assunto, levando a que boa parte da tradução nesta área seja de texto jornalístico. Mas não só, a tradução ligada ao desporto acontece a vários níveis, começando pelo equipamento utilizado, passando por regulamentos, etc., e pode abranger muito mais do que o desporto em si.

Pegando num exemplo que nos é próximo, porque inclui a língua portuguesa, o Brasil prepara-se neste momento para acolher não só o Campeonato Mundial de Futebol (no verão de 2014), como também os Jogos Olímpicos de 2016.

Estes eventos desportivos, os dois maiores à escala global, revelam bem como o desporto se tornou um espectáculo, uma forma de entretenimento universalmente apreciada. São igualmente um caso ímpar de necessidade de tradução. Sobretudo no caso dos Jogos Olímpicos, nos quais competem cerca de 200 nações. Estas nações esperam ter todo um conjunto de informação disponível na(s) sua(s) língua(s) materna(s). Para que um conjunto de pessoas de 200 nações (o número de línguas não é tão elevado, mas ainda assim muito significativo) se entenda, é óbvio que tem de haver muito trabalho de tradução.

Evidentemente que nem todo ele está relacionado com o desporto de forma directa. Para a realização de um evento desta magnitude, existem inúmeras infra-estruturas e serviços subjacentes que também requerem tradução. Mas não deixa de ser um exemplo bastante ilustrativo do quanto o desporto pode estar ligado à tradução.

1.2 - Caracterização geral do texto desportivo

Estando assim estabelecida a relação entre o texto desportivo e a tradução, interessa saber quais as características daquele, relembrando que entendo aqui como

texto desportivo todo o texto cujo tema principal seja o desporto. É difícil afirmar peremptoriamente que os textos deste teor são suficientemente distintos para merecerem ser estudados de forma independente, mas há um conjunto de características e convenções, algumas delas partilhadas com outros tipos de texto, que são constantes quando o tema é o desporto.

Uma das mais importantes - quando pensamos na tradução - é a terminologia muito específica. Não sendo, de todo, uma característica única, há algo de diferente a assinalar. Enquanto outras áreas se inserem em domínios maiores – ciências, artes, humanidades –, o que resulta num cruzamento e aproximação de vocabulário e terminologia entre áreas que se interseccionam, no desporto não é assim. É um campo único e distinto de todos os outros.

O desporto é uma área que se tem vindo a desenvolver desde há muito tempo e que se foi desdobrando em novas modalidades e reinventando na sua relação com o público. É um fenómeno singular, uma forma de entretenimento de massas em muitos casos, com conotações sociais, políticas e económicas, por exemplo a nível dos desportos a que cada indivíduo escolhe assistir ou decide praticar, ou até dos “clubes” que apoia. É o absurdo de milhões de pessoas a gritar por 22 homens a correr atrás de uma bola, mas simultaneamente algo muito maior do que isso.

Tal mística ajuda a explicar que atraia tantos adeptos/fãs (e também praticantes) de todos os cantos do mundo, de ambos os sexos e das mais variadas condições e idades. Ajuda a explicar, consequentemente, o enorme e variadíssimo público que consome os textos respeitantes ao desporto; e, por conseguinte, explica também as suas características.

Regra geral, o ponto de referência do texto desportivo é o texto jornalístico e, mais concretamente, aquele que vem da imprensa desportiva. Apesar de não requerer tanta tradução (dado que a grande maioria dos textos corresponde a originais), é a modalidade de texto desportivo com que mais nos deparamos no dia-a-dia. Logo, é onde mais facilmente podemos observar as suas características. Além disso, dentro da imprensa desportiva existe uma grande variedade de textos. Há, por exemplo, artigos de opinião, e outros que são apenas informativos e que se pretende que sejam

objectivos e imparciais. Esta distinção é importante para o caso do projecto em análise.

Na pouca tradução que é necessária na imprensa – as declarações dos atletas e outros intervenientes –, o que se constata é que não é feita com grande cuidado, sucedendo-se e repetindo-se os erros. Um exemplo diz respeito à palavra espanhola “ilusión”, que, no contexto em que é proferida pelos atletas, nunca poderia ser uma “ilusão”. Mas é sempre assim que surge traduzida, embora o verdadeiro significado seja uma esperança futura, ou, em português natural, um “sonho”. Além de se repetir muito devido ao grande número de futebolistas de origem sul-americana a actuar em Portugal (e o futebol representa uma grande percentagem da imprensa desportiva), também se repete por ser um termo constantemente utilizado.

Hoje em dia, as declarações à imprensa estão quase todas “mecanizadas”. Há um conjunto de lugares-comuns a dizer para cada situação e raramente os intervenientes fogem a essa regra. Por isso mesmo, seria expectável que se conseguisse deduzir, por comparação, o significado deste termo e de outros, mas isso não acontece.

Como este, há muitos outros exemplos que demonstram que a tradução do texto desportivo não é alvo da atenção que devia ter. Tratando-se de uma área especializada como qualquer outra, é imperativo ter em conta as suas características e os principais erros tradutórios a evitar.

Existem já alguns estudos dedicados à linguagem especializada do desporto, por exemplo os de Lavric *et al* (2008) e Bergh (2012), mas, da perspectiva da tradução, apenas o sueco Malin Schultz (2013) se dedicou a este tema, tanto quanto me é dado saber. É, portanto, uma área ainda por explorar.

Há que ter ainda em conta a hegemonia do futebol quando se fala do texto desportivo ou da linguagem desportiva, não só em termos gerais mas também no projecto específico em que trabalhei, e onde efectivamente aquela modalidade tem um peso maior relativamente a outras. Schultz destaca um aspecto importante da linguagem do futebol:

Football was invented in Britain, and hence, the language first used to talk about the sport was English. When football spread to other parts of the world, so did much of the language used when talking about it. This is evident in the great number of English loanwords used by players, commentators and spectators in other countries. (1)

Os empréstimos do inglês, característica muito presente no que diz respeito ao discurso sobre futebol, e da qual darei alguns exemplos no terceiro capítulo, são ainda mais relevantes quando a tradução é feita para esta língua, visto que se trata de uma verdadeira retroversão, voltando a linguagem à sua origem (língua de partida).

1.3 - O tom

Em termos do tom, o texto desportivo pode variar muito. Existe material didáctico, que tem um tom muito informal, e há textos de cariz oficial, por exemplo regulamentos, que têm forçosamente de ter um tom mais cuidado e sério. Mas, na maior parte dos casos, em que o texto é apenas informativo, o tom é informal, sem ser, todavia, coloquial. Há uma preocupação em manter o texto inteligível para todos os leitores, dada a heterogeneidade do público-alvo, facto este que deve também ser tomado em conta na tradução.

No caso dos textos traduzidos, é frequente o tom do texto ser condicionado por um outro factor. Além de ser informativo, o texto tem, muitas vezes, uma acentuada componente propagandística, focada no enaltecimento dos grandes feitos, resultados e êxitos alcançados nos variados desportos, ou das qualidades dos executantes. Esta componente não é, contudo, exclusiva dos textos predominantemente informativos; no contexto da imprensa desportiva, está também bastante presente nos artigos de opinião e nas crónicas.

Curiosamente, este elogio das proezas tanto pode ser identificado com os conceitos modernos de publicidade e *marketing*, como relacionado com a concepção de desporto na Antiguidade Clássica, época em que os “heróis” dos desportos eram também enaltecidos.

Mas, analisando rigorosamente o aspecto propagandístico acima referido, é evidente que se enquadra no primeiro caso, até porque o que torna evidente a propaganda não é o enaltecimento explícito e constante, mas sim a omissão de factos menos “merecedores” de louvor.

Na verdade, é notório, ao longo de alguns dos documentos traduzidos, o critério parcial que serviu de base aos mesmos, nomeadamente a intenção deliberada de silenciar factos negativos que se podem considerar do conhecimento geral. Sendo estes factos indesejáveis, por contraste com os que figuram nos textos, levanta-se a questão (muito pertinente para o tradutor) de qual seria o objectivo do texto de partida.

Como já estabeleci anteriormente, o texto desportivo tem, por norma, um público-alvo amplo e variado. Contudo, o que acontece em casos como este é a focalização num grupo específico de adeptos/fãs de uma modalidade, de um atleta, de um emblema, etc. O texto continua a ter o mesmo tipo de público-alvo, apenas mais restrito.

A parcialidade na inclusão/exclusão de factos e a troca do rigor pela hipérbole demonstram facilmente que o objectivo dos textos é agradar a um determinado grupo de adeptos, ao mesmo tempo que manipulam a informação e a imagem que esta projecta para o restante público. Não tendo mais dados, devido à confidencialidade do projecto, não tive outra opção senão manter este aspecto propagandístico na tradução. De resto, se é esse o objectivo do texto de partida, deve ser respeitado.

1.4 – O estilo

Quanto aos aspectos estilísticos, uma das figuras recorrentes já foi mencionada no parágrafo anterior – a hipérbole. Fruto da tendência para o enaltecimento dos atletas e dos seus feitos – mesmo quando o texto é, ou almeja ser, perfeitamente imparcial –, é constante o uso deste recurso estilístico na imprensa desportiva.

Este não é, contudo, o único a ser utilizado exaustivamente. O texto desportivo tem como característica principal a sua grande riqueza a nível estilístico. O estilo

utilizado na tentativa de criar um produto final que descreva de forma poética os acontecimentos chega, por vezes, a ser tão exagerado como os próprios factos alvo da hipérbole.

Tal estilo é alcançado através de uma forte adjectivação, caracterizando pormenorizada e sugestivamente os acontecimentos e intervenientes, mas também, e sobretudo, por meio de linguagem figurada. As comparações, metáforas e metonímias, bem como outros usos de sentidos figurativos, são os recursos aplicados com maior frequência.

É desta última característica que nasce a maior dificuldade de tradução, visto que a linguagem figurada se apresenta muitas vezes sob a forma de expressões idiomáticas, que não têm um equivalente directo na língua de chegada; e nem sempre é simples transportar o significado para outra metáfora. O que acaba por acontecer, por vezes, é a substituição por uma expressão que deixe claro o significado do texto de partida, mas sem a metáfora/metonímia/comparação. Perde-se assim algo em termos estilísticos, por contraste com a solução de transpor a metáfora para a língua de chegada, deixando-a pouco clara e natural, mas mantendo a fidelidade ao estilo.

Há outros recursos que, sendo menos utilizados, também contribuem para o estilo rico dos textos desportivos. A perífrase é um deles. Talvez para tentar imprimir maior seriedade ao texto (e o desporto, sendo o fenómeno de popularidade que é, tem bem presente o estigma da “cultura popular”), a tendência é para torná-lo mais complexo, por vezes a um nível tão desnecessário que o efeito final é o oposto do pretendido. Porém, regra geral, os textos beneficiam desse estilo de escrita mais elaborado.

Há também a registar o uso frequente de jogos de palavras, sobretudo trocadilhos. Além de conferirem um carácter humorístico, estes últimos pretendem ser apelativos, pelo que a sua utilização se verifica mais nas manchetes, com o intuito de cativar a atenção dos leitores.

Os textos traduzidos no projecto realizado ao longo do estágio são excelentes exemplos de todas estas características estilísticas, facto que dificultou o processo tradutório. Mais ainda do que o tom, o estilo ajuda a perceber que o texto desportivo

é único pelo seu objectivo de apelar a um público-alvo extremamente vasto e pelos artifícios a que tem de recorrer para aumentar ao máximo o impacto sobre esse amplo e diversificado universo de receptores.

2 – A RETROVERSÃO

2.1 – O que é a retroversão?

Começando pela definição, “retroversão” é a designação mais comum para uma tradução da língua materna do tradutor para uma língua estrangeira. Não é ao acaso que se emprega este termo, que sugere claramente uma prática inversa à mais comum (da língua estrangeira para a língua materna). Na língua inglesa o termo “retroversion” também existe, mas é mais utilizado para traduções realmente invertidas (retraduzir para a língua original um texto já traduzido, por exemplo, traduzir um texto de inglês para francês, texto em inglês esse que é já ele mesmo uma tradução do francês).

O que se utiliza habitualmente no domínio da Linguística, e também em muitas obras do âmbito dos Estudos de Tradução – e que é, talvez, mais acertado –, são os termos L1 e L2, em que o primeiro representa a língua materna e o segundo a língua estrangeira. No seu estudo sobre a direccionalidade da tradução, Pavlovic (2007) assinalou essa diferença nos seguintes termos:

‘Directionality’ refers to whether translation or interpreting is done into or out of one’s first language (L1). In traditional, prescriptive approaches, work into one’s second language (L2) is regarded as inferior to work into L1, as evidenced by terms such as ‘inverse’ or ‘reverse’ translation. (79)

Pavlovic continua, defendendo a utilização de L1 e L2, em comparação com outros termos usados, concluindo com uma justificação geral para a adopção dos primeiros: “They all seem to imply a negative value judgment [...] which is why this report will avoid their use. We will instead refer to ‘L2 translation’, or ‘work into L2’.” (81)

Poderia levantar-se a questão de um tradutor que domine mais do que duas línguas, caso frequente, mas é ainda mais relevante a questão do bilinguismo.

É difícil encontrar uma pessoa que domine efectivamente duas línguas com o mesmo grau de perícia. No entanto, é inegável que há pessoas que conseguem compreender e expressar-se em duas línguas ao nível de um nativo. Na grande maioria

dos casos, uma das línguas é a verdadeira língua materna, isto é, aquela que o sujeito adquiriu em primeiro lugar para se expressar.

Assim, faz sentido que se usem os termos L1, L2, etc., visto que até os bilingues possuem uma língua à qual podem chamar a língua materna. Por outro lado, o termo “retroversão” faz menos sentido nestes casos, em que o domínio da língua de chegada é semelhante ao da língua de partida.

Então porque escolhi utilizar o termo “retroversão”? Em primeiro lugar, porque não sou bilingue e no meu caso sinto inequivocamente o nível inferior da minha competência na língua inglesa ao traduzir para a mesma, em comparação com o português. Em segundo lugar, porque os termos L1 e L2 estão estreitamente ligados à área da Linguística e, como sabemos, a tradução é muito mais do que uma operação linguística. E, em último lugar, porque, apesar de tudo, é um termo simples e conciso; um termo que se tornou comum entre os tradutores, portanto facilmente inteligível, mas também um termo que reflecte essa inferiorização da retroversão a que atrás aludimos.

2.2 – Desvantagens

Como já referi, a retroversão é tradicionalmente vista como uma prática cujos resultados são, regra geral, inferiores aos da tradução para a língua materna. Esta perspectiva deriva grandemente o trabalho e investigação levados a cabo no seio dos Estudos de Tradução.

Como se sabe, a fundação da interdisciplina académica dos Estudos de Tradução abriu caminho a novas abordagens do fenómeno tradutório, entre elas a focalização no texto de chegada e no contexto da cultura de chegada. Como tal, é natural que a extrema importância conferida ao conhecimento da língua e da cultura de chegada não seja compatível com a prática da retroversão.

Entre as posições tomadas pelos teóricos da tradução, a de Peter Newmark (1988) é talvez a mais célebre pelo seu grau de extremismo:

I shall assume that you, the reader, are learning to translate into your language of habitual use, since that is the only way you can translate naturally, accurately and with maximum effectiveness. In *fact*, however, most translators do translate out of their own language ('service' translation) and contribute greatly to many people's hilarity in the process. (3)

Newmark não só toma como dado adquirido que qualquer tradutor em fase de aprendizagem traduz para a sua língua materna (ou língua de uso habitual, nas suas palavras), como rejeita inteiramente que a alternativa seja viável, chegando mesmo a ridicularizar a prática da retroversão.

Como esta, há outras obras que tratam a direcionalidade da tradução como uma não-questão, que não merece sequer ser discutida. As secções dedicadas a este tema são geralmente curtas, e limitam-se a constatar que as organizações internacionais e as associações de tradutores continuam a recomendar a tradução para a língua materna e que a direcção oposta não é ideal, muitas vezes citando a frase de Newmark.

Contudo, na transição do século XX para o século XXI, começou-se a assistir ao desafiar desta visão prescritiva e até do conceito de língua materna:

At first, the debate centred on B→A versus A→B translation, but more recently it has widened to include: the difficulties involved in defining a mother tongue; ethno-linguistic democracy; new models of translation competence; the role of the Internet and technology; the existence of other common directions of translation in an increasingly multilingual, multicultural world with a dominant global language (Grosman *et al.* 2000; Kelly *et al.* 2003; Pokorn 2005; Godijns and Hinderdael 2005; Neunzig and Tanqueiro 2007). (Baker and Saldanha 84)

A razão de ser do desprezo pela retroversão reside, como já referi, no facto de se privilegiar o texto de chegada e os aspectos culturais da tradução. A ideia global é de que não é possível que uma retroversão soe “natural” para os nativos da língua de chegada.

Este conceito de “naturalidade”, também chamado de “fluência” (Venuti 2008), é abstracto e por isso difícil de definir, mas é aquilo que diferencia uma tradução meramente competente de uma boa tradução. Parece óbvio que, actualmente, qualquer tradutor português que tenha um bom nível de conhecimentos do idioma inglês consegue traduzir para esta língua de forma relativamente competente, isto é, com poucos erros objectivos e inegáveis.

Mas, para uma tradução ser mais do que competente (e qualquer cliente ou tradutor com o mínimo grau de exigência deseja mais do que mera competência), falta esse tal factor de soar “natural”. Não basta que o texto de chegada seja inteligível. O que se quer, à partida, é uma tradução que não pareça, ao público, um texto de chegada, mas sim um texto escrito originalmente na sua língua.

Este é o maior obstáculo à retroversão e aquele que é mais difícil de evitar. Por muito familiarizado que um tradutor esteja com a língua estrangeira, é impossível escrever ou falar de forma tão natural como um nativo. O melhor que se pode fazer é tentar minimizar os danos a esse nível, através da prática e do contacto constante com o idioma estrangeiro.

Há também a desvantagem das questões culturais. É quase escusado referir que a cultura está sempre presente na tradução e que levanta alguns dos maiores problemas à sua prática. Mais do que a questão “como se diz isto naquela língua?”, surge a pergunta “isto [este termo, este conceito, este objecto, esta actividade] existe sequer naquela cultura”? E para esta questão é muitas vezes impossível de encontrar resposta, a não ser por contacto directo com uma pessoa que pertença a essa cultura, ou seja, um nativo.

2.3 – Vantagens

Porém, a retroversão também tem o seu lado positivo. Continuando na mesma linha de pensamento, as questões culturais são mais difíceis de traduzir, é certo, mas no que toca ao texto de partida o tradutor está familiarizado com as mesmas. Isto faz com que se poupe tempo em pesquisas que na tradução a partir de uma língua estrangeira seriam necessárias.

Aliás, isto não se aplica apenas a questões culturais. A grande vantagem da retroversão reside na compreensão e interpretação do texto de partida. Neste ponto a retroversão vai ao encontro de uma das definições essenciais de tradução, partilhada por muitos teóricos: traduzir é interpretar.

Tal como a reescrita “natural” na língua de chegada, a compreensão do texto de partida também é incomparavelmente mais fácil para um nativo. O processo de entendimento de todo o conteúdo do texto, a vários níveis, é quase automático, sem requerer esforço, salvo casos de terminologia especializada com a qual o tradutor não esteja familiarizado.

Há ainda um outro factor importante que, mais do que ser propriamente uma vantagem, ajuda a explicar a existência de muita prática da retroversão, independentemente da imagem negativa que esta tem. Refiro-me às línguas com poucos falantes nativos.

Hansen (1998) dá o exemplo do dinamarquês:

[...] it is difficult for researchers based in countries with major languages to accept how important translation into the foreign language is for a country like Denmark, whose language is virtually only mastered by its own inhabitants (population: 5.5 million). (59-60)

Como esta, há muitas outras línguas que são dominadas quase exclusivamente pelos nativos. Os estrangeiros com o domínio necessário destas línguas, aliado às competências tradutórias, serão raríssimos. Como tal, a tradução a partir do dinamarquês (e muitas outras) só pode ser realizada por tradutores dinamarqueses, ou seja, só pode ser conseguida através da retroversão.

Assim, da perspectiva das línguas periféricas, contrariamente ao inglês e outras línguas que ocupam uma posição central, a retroversão é uma mais-valia, por ser a única forma de traduzir a partir destas línguas.

2.4 – Revisão por um nativo

Como nota final deste capítulo, tenho de mencionar a vantagem adicional que tive. Na realização do projecto, todas as minhas traduções foram revistas por um inglês, apesar de nunca ter tido contacto directo com os revisores. A revisão por parte de um nativo inglês faz toda a diferença no produto final, atenuando as desvantagens mencionadas acima e aumentando imenso a qualidade. Infelizmente, nem sempre é

possível; mas é quase um luxo que ajuda a encurtar substancialmente a tão referida e salientada diferença de qualidade entre tradução e retroversão.

Com estes temas em mente, segue-se o terceiro e último capítulo deste relatório, onde apresento exemplos dos problemas tradutórios que enfrentei e algumas das correcções preciosas recebidas da parte do(s) revisor(es).

3 – ESTUDO DE CASO: O PROJECTO

3.1 – Questões terminológicas

A terminologia é um aspecto importante na tradução do texto desportivo e este projecto não foi excepção. Os diversos desportos abordados têm alguma terminologia específica, mas também muita em comum entre si, por exemplo no que diz respeito aos nomes das competições e às categorias em que se dividem os atletas participantes. Em qualquer dos casos, a dificuldade de tradução está presente.

Sendo este um projecto de grande dimensão, necessariamente dividido por vários tradutores e vários revisores, a maior dificuldade logo à partida é manter a consistência ao nível da terminologia utilizada. Existem várias formas de assegurar a mesma, começando pelas *guidelines* e documentos de referência enviados pelo cliente, mas passando sobretudo pela comunicação entre todos os colaboradores da empresa que participam no projecto.

Como referi no capítulo anterior, a minha comunicação com os outros tradutores e/ou revisores não foi directa, tendo sempre o meu orientador como intermediário. No entanto, a informação sobre como traduzir certos termos ou a necessidade de substituir um termo que utilizara por outro nos documentos futuros foi-me sempre transmitida.

Há que sublinhar dois factores que permitiram atenuar em grande medida as dificuldades de cariz terminológico. A primeira diz respeito à língua de chegada. É sabido que o inglês é hoje a língua franca. Por conseguinte, é natural que seja mais fácil encontrar a terminologia necessária nesta língua do que em qualquer outra. Há ainda o facto de o desporto em maior destaque neste projecto ser o futebol, cuja variante actualmente praticada foi criada pelos ingleses, além de ser há mais de um século um desporto muito apreciado em todo o Reino Unido.

O outro factor que facilitou este trabalho foi o uso de *software* de tradução. No meu caso, utilizei a ferramenta SDL Trados 2011, com a ajuda da qual é muito fácil procurar e substituir uma palavra ou expressão, caso estejam mal traduzidas. Recorrendo à função *Find-Replace*, torna-se irrelevante se o erro ocorre uma vez ou

cinquenta. Na fase da revisão, graças à ferramenta de registo de alterações no Microsoft Word, é igualmente fácil observar as alterações do revisor e quais os erros cometidos com mais frequência.

Um dos casos mais problemáticos relacionados com a terminologia é o dos já referidos escalões dentro de cada desporto. Estes escalões são, geralmente, divisões estabelecidas com base na idade, mas também existem, em certos desportos, escalões de peso, por exemplo no boxe.

No futebol, o problema foi a existência de duas designações diferentes, em português, para estes escalões. A designação que corresponde à mais utilizada em inglês é a que especifica as idades máximas dos jogadores em cada escalão, por exemplo *Sub-19* (*Under-19* em inglês). No entanto, esta não é a mais utilizada na nossa língua. As designações mais utilizadas são:

Juniores (Sub-19)

Juvenis (Sub-17)

Iniciados (Sub-15)

Infantis (Sub-13)

Este foi um dos casos em que foi necessária alguma pesquisa até encontrar a correspondência exacta. Curiosamente, pouco depois de encontrar o resultado, recebi um documento com *guidelines* do cliente em que estava incluída esta correspondência de escalões.

Este não foi, porém, caso único. Se nos desportos em equipa é quase sempre esta a divisão, existem modalidades com outros escalões, quer por idades, quer por peso. No caso do boxe, por exemplo, foi também através das *guidelines* e de documentos de referência que verifiquei a correspondência dos escalões (*flyweight* - *Mosca*, *featherweight* - *Pluma*, *lightweight* - *Ligeiro*, etc.).

Em alguns casos existem ainda divisões dentro do mesmo escalão: por exemplo, a distinção feita entre *seniores iniciados* e *seniores consagrados* (*novice seniors* e *open seniors*, respectivamente) no boxe.

A consistência terminológica nestes escalões de outras modalidades, mas sobretudo ao nível das competições disputadas em cada uma, foi garantida por um dos documentos de referência. Trata-se de um palmarés de competições ganhas nas mais diversas modalidades (natação, boxe, ciclismo, xadrez, judo, etc.). Este documento anteriormente traduzido para o mesmo projecto, com um total de 24 páginas, foi importantíssimo neste aspecto. Foi-me também disponibilizado um palmarés dedicado apenas ao futebol, mas este – bem menor – não foi tão útil.

Muitos dos problemas terminológicos com que me deparei dizem respeito a termos aparentemente simples, mas que oferecem duas opções em inglês. Em alguns destes casos, os dois termos possíveis são quase indiferenciáveis, mas na maior parte das vezes existem contextos que pedem inequivocamente um ou o outro.

Por exemplo, para *vitória*, poderia optar por *win* ou *victory*, mas o primeiro tem uma menor intensidade e utiliza-se mais em vitórias apenas num jogo, numa ronda, dependendo do desporto, enquanto *victory* faz mais sentido no contexto de grandes vitórias, como uma competição.

Da mesma forma, para *empate* tinha à escolha *draw* ou *tie*, optando pelo primeiro para o substantivo e pelo verbo to *tie* para *empatar*. Por vezes a palavra *deadlock* também pode ser utilizada, mas mais quando o resultado é nulo (0-0).

A palavra *campo* também pode suscitar dúvidas. Se o terreno delimitado onde o desporto é disputado pode ser traduzido por *pitch* (geralmente para o futebol ou outros desportos em relva), *field* (mais geral) ou até *court* (em campos de basquetebol, por exemplo), pode ainda referir-se não só a esse terreno, mas a todo o que o rodeia, incluindo as bancadas. Aí já se poderá utilizar a palavra *grounds*, ou, em certos contextos, até *stadium* ou *arena*.

O caso do futebol – *football* ou *soccer* – é mais simples. Apenas nos Estados Unidos da América se usa o termo *soccer*, para o diferenciar do futebol americano, uma modalidade totalmente diferente. No resto dos países anglófonos e mesmo noutros países, usando o inglês como língua franca, o termo utilizado é *football*. De qualquer forma, neste caso o cliente especificou mesmo num dos documentos de referência que preferia *football*.

Outra das especificações do cliente referente à terminologia foi a preferência de *coach* sobre *manager*, para traduzir a palavra *treinador*. Enquanto no contexto inglês o treinador acumula também funções de direcção e gestão do clube que fazem dele efectivamente um *manager*, no nosso contexto o mais comum é o que em inglês se designa por *coach*, um treinador cuja função é apenas treinar os jogadores.

No caso da palavra *presidente*, também especificaram que deveria ser traduzida por *president* e não *chairman*, sendo que o primeiro é o verdadeiro líder do clube e quem toma as decisões, enquanto o último é o presidente do conselho de administração.

A última das especificações gerais do cliente diz respeito à palavra *jogo* ou *encontro*, com preferência por *match* sobre *game*. Porém, há que ter em conta o contexto. Se o tema for o ténis, o sistema de pontuação está dividido de forma a que o *jogo* (*match*) esteja dividido em *sets* e estes em *encontros* (*games*). Noutros contextos não seria tão grave a substituição de *match* por *game*, mas o cliente decidiu especificar, ajudando assim a manter a coerência.

Houve ainda outros termos da área a serem corrigidos pelos revisores. Por exemplo, o *banco* [de suplentes], inicialmente traduzido por *bench*, foi substituído por *dug-out*, e *eliminated* (eliminado/a) por *knocked-out*.

De facto, é nestas pequenas e simples palavras, aparentemente menos problemáticas, que é mais importante manter a coerência, visto que são comuns a todas as modalidades, logo são repetidas inúmeras vezes ao longo de todo o projecto. É assinalável a atenção dada pelo cliente a este aspecto.

Outro dos termos mais difíceis foi *goleada*. Sem conhecimento de qualquer palavra ou expressão usada habitualmente em inglês, acabei por evitar a questão, optando por transmitir da ideia de uma grande vitória ou uma vitória convincente. Esta solução foi geralmente aceite pelos revisores, embora numa ocasião o revisor inglês tenha substituído por *goal haul*, expressão que desconhecia.

É interessante também ver a interacção que houve, por vezes, entre os revisores. Um dos casos aconteceu a propósito da palavra *desempate*, que se referia a

um jogo extra disputado para desempatar uma eliminatória. O revisor português levantou a dúvida num comentário, perguntando se seria mais adequado *rematch* ou *tie-breaker*, ao que o revisor inglês respondeu no mesmo comentário que *rematch* seria mais adequado naquele contexto, seguido da explicação.

Em casos raros, surgiram até termos especializados de outras áreas fora do desporto. Por exemplo, na área da construção, surgiram termos como *rebaixamento*, *terraplanagem*, *estacas de suporte*, *fundações*, *sistemas de contraventamento*, entre outros, que exigiram alguma pesquisa.

3.2 – Questões estilísticas

Passando à linguagem figurativa tão característica da área do desporto, temos alguns casos de termos utilizados em português que são já empréstimos do inglês e por isso se mantêm na tradução, como por exemplo *hat-trick* ou *poker* (respectivamente, três e quatro golos do mesmo jogador num jogo de futebol). Mas nem toda esta linguagem tem correspondência tão directa.

Há um exemplo ilustrativo de como algumas destas metáforas, apenas com uma pequena alteração, conseguem manter a mesma base e o significado intacto. No caso de eliminatórias disputadas em dois jogos, em vários desportos, é costume dizer-se que se jogam *a duas mãos* (cada jogo representa uma *mão*). Em inglês, o termo não é o mesmo, mas usa-se igualmente uma metáfora que também se baseia na imagem da simetria do corpo humano – os jogos disputam-se em duas *legs*, ou seja, em duas pernas.

Esta linguagem figurada é quase sempre subtil, passa facilmente despercebida ao leitor comum, mas um tradutor repara até nos mais pequenos pormenores. Por exemplo, num dos documentos diz-se que um adversário está *no radar* de outro. Neste caso, os ingleses têm até uma metáfora com o termo *radar* – *under the radar* – mas que significa algo que passa despercebido. A melhor opção aqui seria, assim, *in [the team's] sights*, a qual tem uma maior ligação com mais uma expressão figurada em português, *na mira de*.

A linguagem figurada tem dezenas de exemplos, é impossível listar todos. Mesmo num dos textos mais curtos, de 240 palavras, onde se descreve um atleta, temos expressões como *avenidas de vapor*, *campo magnético* ou *o escudo e a lança*.

É este o estilo riquíssimo que dificulta, e muito, a tarefa do tradutor. Estas metáforas, comparações e metonímias raramente são de tradução imediata, fazem o tradutor hesitar. Por vezes, nem o sentido em português é completamente claro. Claro que também existem casos menos problemáticos e mais comuns. Por exemplo, a imagem de um relógio para simbolizar a regularidade, a precisão e a infalibilidade é comum em várias culturas e também surgiu uma vez neste projecto.

O mais importante a ter em conta neste tipo de dificuldades é não cair no erro de tentar simplificar ou clarificar em demasia. Os pormenores estilísticos fazem parte do texto de partida e devem ser transportados para o texto de chegada, sem alterar a mensagem, sempre que tal seja possível.

3.3 – Questões gramaticais

A verdade é que a maior parte dos erros assinalados não disse respeito nem à terminologia nem às questões estilísticas. As correcções dos revisores ocorreram sobretudo ao nível da construção das frases. As dificuldades causadas pela retroversão tornaram-se ainda mais evidentes com a revisão por parte de um nativo inglês.

O erro mais frequente prendeu-se com a utilização de substantivos para adjectivar outros substantivos. Esta formação é muito utilizada em inglês. Em vez de um adjectivo propriamente dito, um dos substantivos ganha a qualidade de adjectivo, surgindo em primeiro lugar na frase. A tendência é para traduzir “[substantivo 1] de [substantivo 2]”, pela mesma estrutura com a preposição *of* em inglês. E a verdade é que em muitas situações esta estrutura está correcta e deve mesmo ser utilizada. Mas a construção com adjectivação de um substantivo é a mais frequente.

Utilizando um exemplo concreto, *equipa de honra* ficaria *honor team* e não *team of honor*. Como é fácil de entender, o substantivo *honor* está a adjectivar o substantivo *team*. Por outro lado, talvez por tentar compensar demasiado essa

tendência para o erro, acabei por adjectivar substantivos onde não era necessário, e assim substituí um erro por outro.

O único erro específico que também se repetiu inúmeras vezes, não só neste projecto, como em quase toda a retroversão, foi o uso errado das preposições. Este é o problema mais flagrante e que está relacionado com a tal fluência que não existe num tradutor não-nativo. As preposições são diferentes em cada língua e não têm valor semântico por si só. Logo, é o contexto que determina qual a preposição que deve ser usada. No entanto, não existem regras rígidas aplicáveis. Para cada situação, há uma ou mais preposições que podem ser empregues correctamente, conforme o uso.

A inexistência de normas faz com que o tradutor não-nativo tenha, por vezes, de escolher a preposição por “intuição”, levando a que cometa erros. Esta é a situação em que é mais notória a menor fluência.

O mesmo problema reflecte-se igualmente no uso dos verbos. Em muitos casos, os verbos simples foram substituídos pelo revisor por *phrasal verbs*, isto é, combinações de um verbo com uma preposição que alteram significativamente o conteúdo semântico desse mesmo verbo.

Outro dos erros “clássicos” na retroversão, e também muito observado neste projecto, é a inclusão de demasiados artigos definidos (*the*) ou indefinidos (*a/an*) onde estes não são necessários. O mesmo acontece com alguns pronomes relativos, principalmente *that*.

De forma mais geral, as correcções dos revisores permitiram observar uma tendência para a falta de concisão nas minhas traduções. São frequentes as frases ou expressões encurtadas, mas com todo o significado intacto. Muitas vezes, esta concisão é acompanhada por uma forma mais clara de dizer o mesmo, corrigindo potenciais ambiguidades ou frases confusas.

Apesar das vantagens da retroversão, estes erros eram expectáveis *a priori* e demonstram bem as dificuldades que a mesma levanta, bem como a importância da revisão por parte de um nativo, compensando a falta de fluência.

CONCLUSÕES

Em primeiro lugar, quero lamentar mais uma vez a extrema confidencialidade do projecto no qual baseei este relatório. Além de limitar a informação que poderia fornecer quanto ao cliente, ao destino das traduções e à variedade de textos traduzidos, impede também de incluir alguns dos documentos traduzidos e revistos sob a forma de anexos, o que ajudaria a demonstrar outros dos erros menos recorrentes, mas também relevantes, e a dar provas do grau de dificuldade enfrentado na execução do trabalho de retroversão

Quanto ao projecto em si, foi uma boa surpresa. Qualquer adepto de desporto, como eu, ficaria entusiasmado com a possibilidade de participar num projecto como este. Além de ser interessante, é um tema com o qual estou familiarizado (mais com o futebol do que com as outras modalidades), o que me ajudou a redefinir o tema do relatório, abrangendo o texto desportivo.

O estigma a que está sujeita a retroversão tem alguma razão de ser. É injusto, porém, desprezar por completo a retroversão, até porque, como vimos, é a única opção para que algumas línguas sejam traduzidas. Contudo, durante o processo tradutório, e após analisar as revisões, ficou clara a disparidade de qualidade entre a tradução para a língua materna e para a língua estrangeira (no meu caso; outros poderão ter uma qualidade mais aproximada).

Os problemas específicos do texto desportivo, bem como o exemplo que dei dos erros de tradução na imprensa desportiva, demonstram que esta é uma área que deveria merecer alguma atenção no âmbito dos Estudos de Tradução. A informação sobre desporto é amplamente consumida e justifica-se que a tradução associada à mesma seja não apenas encarada com o devido cuidado e rigor, como constitua objecto de reflexão quanto à sua intenção, função, condicionantes, especificidades, agentes, público-alvo e impacto social e global.

Como nota final, resta-me apenas agradecer aos meus orientadores, Maria Zulmira Castanheira e João Vilhena, pelo apoio dado antes do estágio e durante o mesmo, bem como na estruturação do relatório e fornecimento de material útil para a redacção do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baker, Mona and Gabriela Saldanha, eds. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Second Edition. London and New York: Routledge, 2011.

Bassnett, Susan. *Translation Studies*. Fourth Edition. London and New York: Routledge, 2014.

Bergh, Gunnar & Sölve Ohlander. "Free kicks, dribblers and WAGs. Exploring the language of "the people's game"". *Moderna språk* 106 (1) (2012): 11–46.

Brutt-Griffler, Janina. *World English: a study of its development*. Clevedon, Buffalo, Toronto and Sydney: Multilingual Matters Ltd, 2002.

Campbell, Stuart. *Translation into the Second Language*. London: Longman, 1998.

Cronin, Michael. *Translation and Globalisation*. London and New York: Routledge, 2003.

Hansen, G., ed. *LSP texts and the process of translation (Copenhagen working papers in LSP 1)*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1998.

Lavric, Eva et al. *The Linguistics of Football*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2008.

Morry Sofer. *The Global Translator's Handbook*. Lanham, Maryland/Plymouth, UK: Taylor Trade Publishing, 2012.

Newmark, Peter. *A Textbook of Translation*. New Jersey: Prentice Hall, 1988.

Pavlović, Nataša. "Directionality in Translation and Interpreting Practice. Report on a Questionnaire Survey in Croatia", *Forum* 5 (2) (2007): 79-99.

Posey, Meghan. "The Advantages of L2 Translation in The Cat in the Hat: A Closer Look at Translation Directionality", *Letras* (46) (2009): 87-100.

Rueckert, Karen. *The Native Speaker Principle and its Place in Legal Translation*. London: City University, 2011.

Samuelsson-Brown, Geoffrey. *A Practical Guide for Translators*. 4th ed. Clevedon, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters Ltd, 2004.

Schultz, Malin. "Translating the Special Language of Football from English to Swedish: A Study on Terminology and Metaphor". Sweden: Linnaeus University, 2013.

Vaz, Tiago António da Costa, "A importância da revisão, por um nativo inglês, de artigos científicos para publicação". Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2012.

Venuti, Lawrence. *The Translator's Invisibility. A History of Translation*. London and New York: Routledge, 1999.

- - -, ed. *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2000.